

# RECEPÇÃO — por ALICE VASSALO PEREIRA

## — CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

A. R. P. C. (Alverca) — Escreves muito. Muitas folhas. Muitas palavras. Mas o que nos fica de tudo isso? Que verdade haverá em expressões como *meus frezinhos são como lantejoulas*? Que poesia haverá em versos como:

*Saudade são desejos meus,  
Saudade é dizer adeus*

Ora deixa lá estar a saudade em descanso e conta coisas que valham a pena. Se tiveres alguma coisa para contar, é claro...

MARIA FERNANDA G. P. DA COSTA (Castelo Branco) — As vezes acontece-me ficar com os poemas nas mãos lê-los, tornar a lê-los e não saber o que dizer exactamente deles. Acontece-me às vezes, aconteceu-me agora, com os poemas que mandaste. Há neles muita banalidade, muitas palavras inúteis — e, no entanto, por detrás dessas mesmas palavras, nota-se uma força muito grande que tu ainda não consegues dominar. Queres dizer muita coisa e as palavras não te chegam. Tenta trabalhar mais os poemas que escreves; evita o emprego de palavras que já nada de novo nos conseguem transmitir («névoas»,

«nuvens»... Não há nada como os dias claros!), ou palavras tão fora da realidade que por isso soam estranhas e vazias de qualquer sentido (lembro-me, por exemplo, de «orgiaca» e «vampírica»). E, no entanto, de vez em quando lá vem um indício de ouro:

*tu que trazes a alegria  
e o canto  
de quem vive fora dos desti-  
(nos*

*os meus lábios maduros  
de sorrir*

É por isso que ainda seguro nas mãos os teus poemas. E os leio. E os torno a ler. É também por isso que não vamos publicar nenhum deles: sei que em breve mandarás poemas melhores. Prefiro esperar.

M. REGINA S. L. (Lisboa) — O teu conto «O Pequeno Almoço» nada nos diz de novo. Está muito arumadinho, muito penteadinho de risco ao lado e tudo, mas a gente espreme-o, espreme-o, e nem uma gota de sangue cai dele. Nunca «participamos» nele; sentimos sempre estranhos, do lado de fora de uma história (?) que não consegue prender-nos. E eu lembro-me que tu costumavas fazer melhor. Va-

mos esperar melhores dias, está bem?

MARIA E. P. (Carcavelos) — Eu bem sei que nem todos podem ser poetas. (Dizem que Portugal é um país de poetas, mas convém não exagerarmos...) Não exijo de ninguém que seja poeta, mas exijo um determinado sentido crítico quando se possui já uma certa cultura. Desculpem, mas isso exijo. Ora acontece que tu frequentas o liceu, que estás no 6.º ano (suponho que numa alínea de letras, pelo que dizes). Será possível que acredites na validade do poema que mandaste?

*Linda e alegre flor  
tua forma é bela  
Vejo tua doce cor  
Quando vou à janela*

Queres um conselho? Desiste (pelo menos por enquanto) de escrever poemas (?) e agarra-te aos livros de leitura obrigatória no liceu (pelo menos esses!) que eu estou a ver um 7.º ano muito perclitante...

OVIDIO BAÇA — (Alcobaca) — As dezassete linhas que escreveste (nem versos me atrevo a chamar-lhes...) poderão ser tudo o que quiseres, mas de poesia é que não têm

nada. Gostar de animais é uma coisa (até muito louvável), mas outra coisa, muito diferente (já não tão louvável) é chamar «poemas» (!!) a coisas destas:

*«Amável de espirito  
sendo o que não sou  
vou, sendo para estes in-  
cultivados  
o cãozinho»*

Desculpa, mas é um bocado difícil de aceitar. Até por uma questão de amor aos cães...

MARINA B. P. CORREIA (Lisboa) — Chegaram-me às mãos dois poemas teus. O que mais me impressionou neles foi a «economia» de palavras, a deliberada fuga à literatice, a quase austeridade de processos. Não te perdes em divagações mais ou menos líricas de assuntos abstractos e sem interesse. Prendes-te à realidade, ao teu tempo e às palavras que o poderão traduzir. Poderá haver ainda uma certa hesitação na escolha da palavra mais adequada, mas isso não impede que os poemas sejam publicados. Espero, com muito interesse, mais colaboração tua.

J. M. M. T. (Beja) — «Tenho enviado vários poemas e alguns de um bom nível, e não percebo o que é que eles têm, que aí não acham bons». Quererias tu talvez dizer «que eles não têm»... Pois é. Eu tenho muita pena de me caber o papel do vilão da peça, mas com versos do estilo de:

*«o ferry-boat anima ao cais  
pouca humanidade sai»*

ou  
*«a chuva tilinta nos vidros  
como os sinos da Sé»*

não tenho outra solução. Se um dia te deixares de fantasias e quiseres pensar a sério em poesia, então conversaremos.

E. M. N. ALEIXO — (Lisboa) — Queres um conselho? Um conselho de amigo? Continua a rasgar. Ou melhor: não rasgues, mas fecha os teus trabalhos dentro de uma gaveta, muito bem fechados, à chave se possível, e daqui a uns meses volta a lê-los. Compreenderás então a razão do meu conselho. E voltarás a escrever-me. E a minha resposta será diferente, tenho quase a certeza.

ANTÓNIO O. C. DA MOTA (Coimbra) — Se não fosse aquele «pode ser que nos possamos casar» eu entrava no jogo do populismo. Queres escrever-me novamente para aclarar-mos idelas?

JOÃO C. T. (Coruche) — A tua descrição da largada de touros fez-me lembrar as páginas que o Guide Bleu costuma dedicar ao Ribatejo... Folclórico à brava. Até tremi de emoção! E que original aquele bêbedo que se chama Pinguinhas! E que arripio de cultura senti por mim acima quando no meio da largada «O Tibúrcio tece umas considerações sobre os hippies»! Ainda esperes encontrar os touros com colares de flores e guizinhos, mas não. Paciência, não sejamos exigentes.

A. V. P.

# NORMAS PARA A RECEPÇÃO

Os originais podem não ser dactilografados, mas é indispensável perfeita legibilidade e utilizando-se apenas uma das faces do papel.

Os nossos colaboradores devem ficar com uma cópia em seu poder, dado que, em caso algum, devolvemos originais.

Podem usar pseudónimo, para efeitos de publicação, mas a completa identificação é obrigatória.

\*

Os nossos colaboradores ficam dispensados de enviar selos do correio pois, por princípio, não se fazem críticas particulares. Se houver necessidade de uma comunicação directa, os selos correm por nossa conta.

\*

Podem ser enviados para a «Recepção» não apenas conto, teatro e poesia, mas também ensaio, artes plásticas, reportagem.

\*

Os trabalhos devem ser enviados para «Recepção» — «Diário de Lisboa» — «Juvenil» — Rua Luz Soriano, 44, Lisboa.

